
AMPLIANDO E COMPARTILHANDO SABERES

Ivone Maria dos Santos Dantas¹

Relevância do trabalho de formação

O presente relato registra uma experiência de Formação Continuada do Pacto pela Alfabetização da Idade Certa – PNAIC, com professores Alfabetizadores, docentes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental de 17 (dezessete) escolas da Rede Municipal de Educação de Salgueiro - PE, do campo e da cidade. Neste trabalho, apresentamos a vivência de formação com docentes - experimentada em conformidade com as orientações do PNAIC –, bem como a essência das ações realizadas na formação continuada, no sentido de valorizar e de inovar a prática pedagógica já construída pelos docentes ao longo dos anos de experiência como professores. Discutimos também o alargamento das aprendizagens dos estudantes e a necessidade de ampliação dos índices de alfabetização na rede; a continuidade e valorização da formação continuada, na perspectiva de refletir sobre o fazer pedagógico; o repensar docente da sua própria prática alfabetizadora e a apreciação dos saberes dos discentes.

Caracterização do município

No cruzamento das BRs 232 e 116, com acesso às BRs 101 e 316, o município de Salgueiro – PE está situado no coração do Nordeste, a 518 km da capital do estado - Recife. Composto por 24 escolas municipais, da creche ao ensino fundamental, Salgueiro vem fomentando o desejo de construir uma cidade que de fato eduque e alfabetize, além de formarem pessoas mais humanas e mais felizes.

¹Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Salgueiro PE. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco – UPE – ivone.m.s.d@hotmail.com



Em 2013, Salgueiro aderiu ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, confirmando o compromisso com a Educação Municipal e reinstalando o diálogo e o debate, objetivando alcançar e vivenciar a história de um município que sonha com a materialização de alfabetizar todas as crianças na idade certa.

No ano de 2014, o município reafirmou o compromisso junto com 18 escolas, 99 professores alfabetizadores, 04 orientadoras de estudo e 01 coordenadora municipal, no intuito de reverter os números da alfabetização, ainda não condizentes com a meta da rede, assim como de auxiliar para que se cumpram as metas estabelecidas no município a partir das ações do PNAIC, quais sejam:

I – Garantir que todos os estudantes estejam alfabetizados até o final do 3º ano do ensino fundamental;

II – Reduzir a distorção idade – série na Educação Básica;

III – Melhorar o IDEB;

IV – Contribuir para o aperfeiçoamento dos alfabetizadores;

V – Construir proposta para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental.

O município de Salgueiro – PE participou em todos os anos do PNAIC (2013 a 2016), sempre contribuindo na preparação de pautas que de fato atendessem os interesses dos docentes e dos discentes, bem como na discussão de propostas inovadoras, propondo reformulações nas formações em uma parceria entre a Universidade, o programa e a Rede Municipal.

Salientamos que a localização das escolas da Rede Municipal na cidade fica em sua maioria nas periferias, em um total de 10 escolas, as 08 restantes participantes do PNAIC localizam-se no campo. Na região, 98% das famílias são de baixa renda e o índice de alfabetização é de somente 75%. No tocante às crianças, observamos perfil inferior ao defendido na proposta de conteúdos, bem como em relação aos padrões estabelecidos a nível nacional, fato constatado através das avaliações externas e da própria avaliação formativa municipal.



A Rede Municipal conta com aproximadamente 100 professores – 95% deles graduados -, distribuídos em 4 turmas, sendo 30% efetivos e 70% contratados, o que é um ponto negativo, visto que estes poderão ser afastados a qualquer momento, desde que de acordo com qualquer uma das partes.

Fundamentação teórica

Partindo do princípio de que “é necessário definir as políticas de formação com base nos resultados das avaliações realizadas e garantir que, na formação continuada, o cotidiano da sala de aula, ou seja, a prática docente seja objeto central de atenção” (BRASIL, 2012, pág. 13), bem como fundamentados nas estratégias de formação realizadas pela universidade, tendo como lastro também as observações e as experiências de formação vividas no município, cada encontro de formação continuada e cada espaço foi planejado na perspectiva de ampliar os saberes construídos pelos docentes, incentivando a prática lúdica, significativa e motivadora, na qual o estudante e a sua aprendizagem sejam o eixo central em cada escola/sala de aula.

De acordo com Martinez e Oliveira (1997, p. 11):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concretos em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Assim, o planejamento poderá, em qualquer profissão ou etapa, ganhar papel fundamental, organizar a vida e o fazer de cada um (a), estabelecer metas, tempo e avaliação do antes e do depois.

De acordo com Libâneo (1994, p. 222):

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino.



Nesse sentido, não devemos trabalhar sozinhos, e sim no conjunto, nas ações de pertencimento de um município, de uma rede de ensino, de um grupo educacional, de uma escola, de uma comunidade, valorizando saberes, culturas, raças, contexto social e sonhos de vida. Planejar as ações da educação, segundo o autor, é ir à profundidade da sala de aula, no dia a dia da comunidade, nos saberes e sabores de uma escola, de um povo.

De acordo com Paulo Freire, “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito” (FREIRE, 1987, pág. 60). Apoiado a este pensamento, reforçamos os nossos fazeres na formação continuada, procurando interagir junto aos docentes, com a mesma reflexão.

Descrição da experiência

Quando iniciamos o PNAIC em 2013, as incertezas e desafios foram grandes. No entanto, o desejo de aprender e fazer uma educação melhor para o município nos fortaleceu quebrando algumas barreiras, entre elas propiciar aos docentes a autoconsciência pessoal e profissional, a contribuição ao conhecimento, a análise e a avaliação de sua prática pedagógica. Logo na apresentação do programa, foi acordado que a prática reflexiva seria um eixo permanente no processo de formação, através da significação das experiências pedagógicas vividas pelos professores.

Na tentativa de mobilizar intelectualmente os docentes, procuramos organizar as situações de aprendizagem na perspectiva de dar sentido, ou seja, desenvolver atividades nas quais a prática reflexiva fosse eixo permanente no processo, bem como na significação das experiências docentes vividas nos encontros, e que levassem os professores a perceber que o que se faz hoje se aplica e se amplia no futuro. Para isso, cada momento do encontro era discutido com o grupo, questionando e refletindo sobre a importância de se viver a mesma dinâmica em sala de aula, o que fazia com que os docentes pensassem em outras atividades relacionadas que seriam significativas à prática docente e à aprendizagem alfabética dos discentes.

No desejo de estimular e de dar um novo sentido às estratégias de aprendizagens, ressaltávamos que cada acolhida, música, vídeo, texto, brincadeira, projeção, foto, atividade



reflexiva, escrita ou lida, fosse pensada em cada sala de aula, no estudante, no seu progresso e na contribuição da melhoria de cada ser humano (orientador, professor, estudantes e escolas), de modo a ajudar na construção de uma cidade mais feliz e mais educadora e, conseqüentemente, de uma juventude mais alfabetizada e com maiores oportunidades.

Outro foco adotado no processo de formação foi a atividade de casa/escola, a qual sempre estava articulada ao conteúdo estudado no encontro. Um destaque é que a participação de todos(as) era enfatizada, no que tange tanto à construção significativa aos saberes dos estudantes - como na vivência em escola, sempre ressaltando a ampliação e a instigação de saberes -, quanto à socialização - na formação continuada que acontecia sempre no próximo encontro, não deixando a formação desarticulada de um módulo ao outro.

As apresentações eram realizadas através de relatos, projeção de sequência didática, fotos, ou outro instrumento que oportunizasse a todos apreciarem as vivências das atividades e, a partir delas, ampliarem o conhecimento que possuíam. Nesse sentido, o professor era estimulado ao maior compromisso no trabalho educativo, pois este seria visto pelos colegas através de sua apresentação e fala.

Em cada socialização apresentada pelos docentes, era organizado um grupo de outra escola para observar, analisar e discutir os pontos positivos da atividade e as possíveis ampliações, com base nos conhecimentos e nas orientações ao longo da formação, sempre na perspectiva de acrescentar saberes. Após isso, as atividades eram aplicadas nas salas de aula com as crianças, o que ressignifica o trabalho do docente e amplia o que foi aprendido no curso, valorizando, assim, o que foi aplicado no cotidiano.

Com a formação em Língua Portuguesa em 2013, podemos destacar o planejamento a partir da realidade de cada turma como eixo fundamental no processo de reflexão acerca do processo ensino aprendizagem. Como diz Libâneo (1994), o planejamento não pode ser somente um preenchimento de fichas, mas um instrumento que de fato favoreça a aprendizagem dos estudantes e leve o docente à sua autoavaliação permanente. Outra reflexão significativa durante a formação foi o estudo sobre heterogeneidade presente em todas as salas de aula, anos e modalidades, e a inclusão de todos no processo de alfabetização, o que nos fortalece e nos embasa a pensar como Martinez e Oliveira (1977), quando estes discutem sobre a necessidade de materiais e de recursos humanos para



alcançar objetivos concretos em prazos determinados e etapas definidas, levando-nos a relacionar o pensamento do autor ao final do ciclo de alfabetização.

A partir de 2014, o desejo de aprender foi mais aprofundado. A matemática, que tanto apavora muitos de nós professores e nossos estudantes, veio desmistificar a rigidez que durante décadas, ou talvez séculos, foi impregnada em nossas cabeças. Várias possibilidades de vivenciar a matemática com jogos, materiais do dia a dia, calendários, relógios e muita ludicidade deram uma abertura relevante em nossas mentes em relação ao ensino aprendizagem com a matemática, o que reforça a tese de Paulo Freire supracitada de que o espaço pedagógico precisa ser lido, interpretado, reescrito. Paulo Freire nos encoraja a inovar, a repensar, a dar significado às nossas aulas. Hoje procuramos viver a matemática lúdica, sem medos, prazerosa e de fácil compreensão a todos.

Importante retratar as sugestões de intervenções pedagógicas com base nos agrupamentos de estudantes, que foi essencial, levando-nos a repensar o processo em sala de aula. Valiosa contribuição quanto à possibilidade de conexão da matemática com outras áreas do conhecimento nos fez ampliar os horizontes, reescrevendo a nossa própria história de ensino aprendizagem na disciplina de matemática. Pertinente destacar o foco na vivência de uma matriz curricular que privilegie aprendizagens significativas, contextualizadas e interdisciplinares, o que nos fez estudar com os professores e adotar uma matriz para cada ano do ciclo de alfabetização nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, ficando o forte desejo de construir nas outras disciplinas.

Durante os encontros, em especial na produção de relatos de experiência, observamos dificuldade na escrita de textos por parte dos professores, o que reforça o fato de que a produção textual é ainda um ponto crucial na educação municipal. Consequentemente, há um decréscimo na produção de texto dos estudantes, o que fez o PNAIC ser diferente de muitos outros programas já vividos. Percebemos, ainda, que, mesmo na produção coletiva, há bastantes dificuldades, o que tomamos como exemplo e foco a ser seguido na continuidade das formações: investir e incentivar no planejamento da produção textual em todas as modalidades de ensino da rede. Por outro lado, o PNAIC enfatizou que qualquer conteúdo ou área de conhecimento induz à produção de texto, levando-nos a repensar também a produção em todas as disciplinas.



Vale ressaltar que os docentes ampliavam também o pensar/fazer das orientadoras quando partilhavam suas atividades de sala de aula no espaço de formação, levando-nos a sentir que estamos pisando no chão da escola.

Avaliação dos resultados

Considerando as avaliações escritas e relatos orais, percebemos que a formação do pacto ampliou horizontes alfabetizadores, expresso na fala da docente quando relata: “Os conteúdos abordados no encontro nos fazem refletir: Como estamos trabalhando nas escolas? O que ainda podemos fazer para alfabetizar mais cedo? Muito boa à formação, de qualidade” (Professora Ismaelita). São falas como esta que nos mobiliza a sermos ainda mais comprometidas com a educação, com o nosso fazer, a dar continuidade ao processo de formação, a não desistir de querer tornar uma cidade, um estado e uma nação mais alfabetizada. Somos inspirados a lutar por dias melhores e a vivermos um cenário ainda mais belo na educação.

Salientamos que ainda não conseguimos alfabetizar todas as crianças ao final do 3º ano. No entanto, já observamos avanços significativos - de acordo com os diagnósticos aplicados a nível municipal -, bem como novas atitudes alfabetizadoras e redirecionamentos de planejamentos, sempre reforçando **a alfabetização como eixo principal na rede.**

Percebemos que a formação continuada com professores alfabetizadores possui especificidades que exigem uma formação com foco central. Nesse sentido, concluímos que precisamos ampliar continuamente os estudos sobre a alfabetização e sobre os conteúdos para cada ano do ciclo, aprimorar as estratégias, acompanhar a prática docente. Ademais, devemos sempre mobilizar o processo de reflexão – ação – reflexão, de modo que seja possível contribuir para que todos nós possamos refletir mais sobre os perfis dos alfabetizados ano a ano e do professor alfabetizador.

Podemos dizer que a formação do PNAIC nos inovou, tornou-nos melhores, com a certeza de que somos capazes e de que podemos conseguir muito mais, ter uma cidade



melhor, um povo mais alfabetizado e letrado, mas não podemos fazer tudo individualmente, precisamos ser grupo, ter foco, missão, estratégia e muitos para contribuir.

Considerações finais

O anseio pela alfabetização plena e pelo movimento de formação continuada significativa deverá ser vivido nos próximos anos, assim como o acompanhamento e a intervenção pedagógica nas salas de aula, que ainda precisam ser ampliados na rede. O PNAIC nos direcionou ao trabalho em conjunto, ao acolhimento de saberes e ao despertar do desejo de viver o processo e o sonho de que todos(as) estejam alfabetizados(as). Muito temos ainda a realizar, melhorar nossos índices de aprendizagens, sermos melhores em educação! Para nós, professores alfabetizadores, fica uma grande lição no processo de alfabetização: a de escrever a nossa própria prática! Nunca outro programa de formação nos orientou em relação ao relato de nossas vivências. O pacto nos fez acreditar que somos capazes de escrever e avaliar as nossas ações. Outra relevância do programa destaca-se no instrumento de diagnóstico atrelado aos Direitos de Aprendizagem, os quais nos direcionam ao planejamento escolar.

Os resultados do PNAIC, um programa diferente de todos já oferecidos pelo Ministério da Educação – MEC, são visíveis na rede municipal nos dias atuais. A envoltura coletiva gerada através dele foi constatada instantaneamente na construção dos planejamentos realizados pelos professores. Ao conceito de ciclo foi atribuído um novo significado e os docentes alfabetizadores (professores do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental) procuram a cada dia se organizar em grupos nas escolas, montando os planejamentos e sistematizando a ideia de continuidade para os conhecimentos. Esse processo também favoreceu a criação de registros escritos, a produção de livros e de fotografias com a devida divulgação nas redes sociais e exposições para a comunidade escolar, demonstrando que os docentes estão mais confiantes e autônomos para superar os desafios da alfabetização, diferente do cenário observado até 2012. O PNAIC veio contribuir na construção da identidade do alfabetizador, no avanço da qualidade do ensino e na formação continuada motivadora para o(a) docente alfabetizador(a). Assim, propiciou aos



professores o desenvolvimento crítico e reflexivo, levando-os a refletir e a repensar a prática pedagógica. Ressaltamos também o progresso na compreensão do alfabetizar letrando, na defesa dos Direitos de Aprendizagens no processo de Alfabetização e na compreensão e defesa do perfil do estudante ano a ano.

Evidentemente é possível sentir os frutos do PNAIC, dentre os quais enfatizamos o crescimento das pessoas como profissionais, um programa diferenciado em relação a todos já oferecidos pelo MEC, organizado semelhante a uma enorme teia, para escancarar sua especificidade, bolsa, material e formação com assessoria pedagógica das Universidades Federais.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. 40 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

MARTINEZ, M.J. LAHONE, C.O. *Planejamento escolar*. São Paulo: Saraiva, 1977.

